

O JOGO DISCURSIVO EM ENTREVISTAS DA MÍDIA IMPRESSA: HETEROGENEIDADE TIPOLÓGICA E COMPORTAMENTOS ENUNCIATIVOS

Janayna Bertollo Cozer CASOTTI⁷¹

Resumo: Este trabalho visa identificar as estratégias utilizadas pelo locutor, em entrevistas da mídia impressa, de acordo com seu propósito comunicacional, para interagir com o interlocutor. Para isso, buscamos as bases teóricas que fundamentam a concepção de contrato de comunicação, considerando, sobretudo, os trabalhos de Charaudeau. A partir disso, procuramos determinar as sequências tipológicas e também descrever o modo de organização discursiva das entrevistas. Os resultados desse trabalho apontam para a predominância de sequências tipológicas argumentativas e expositivas marcando o discurso de divulgação científica e também de categorias modais revelando um comportamento enunciativo dos sujeitos comunicantes.

Palavras-chave: Discurso midiático. Sequências tipológicas. Modalidades enunciativas.

Abstract: *This paper aims at identifying the strategies used by the speaker, in printed media interviews, according to their communication purpose, to interact with the listener. For that, we have searched for the theoretical basis underlying the conception of communication agreement, considering, mainly, Charaudeau's work. From this, we have tried to determine the typological sequences and also to describe the way of discursive organization of the interviews. The results of this study point to the predominance of argumentative and expository typological sequences marking the discourse of scientific publicity as well as modal categories revealing an enunciative behavior of communicating subjects.*

Keywords: *Media discourse. Typological sequences. Enunciative modalities.*

⁷¹ Professora do Departamento de Línguas e Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo, UFES, Vitória, Espírito Santo, Brasil, janaynacasotti@gmail.com

Considerações iniciais

Tratar do discurso midiático é reportar-se à informação como ato de linguagem que implica a produção de um discurso em uma dada situação de comunicação, e não apenas a transmissão de um saber. Como defende Charaudeau (2006, p. 36), a informação “constrói saber e, como todo saber, depende ao mesmo tempo do campo de conhecimentos que o circunscreve, da situação de enunciação na qual se insere e do dispositivo no qual é posta em funcionamento”. Informar é, então, uma escolha não só de conteúdos e formas, mas também de estratégias discursivas mediante as quais se pretende influenciar o outro.

É nesse sentido que se fala em *contrato de comunicação* como um *jogo* que se estabelece entre os parceiros da troca linguageira e que se compõe de um espaço de estratégias, envolvendo diferentes tipos de configurações discursivas, utilizadas pelo sujeito comunicante, com vistas a alcançar seu objetivo; e também de um espaço de restrições, compreendendo as condições que não podem ser transgredidas, sob pena de não haver troca comunicativa.

É por essa razão que pretendemos, com este trabalho, lançar um olhar sobre o discurso de informação midiático, particularmente, de entrevistas da mídia impressa, procurando perceber, sobretudo, as estratégias, por meio das quais o locutor, de acordo com seu propósito comunicacional, interage com o interlocutor. Assim, primeiramente, aplicaremos ao discurso jornalístico o contrato de comunicação proposto por Charaudeau (2008), a fim de desvelar o papel de cada sujeito na produção do texto das entrevistas. Em seguida, procuraremos determinar as sequências tipológicas presentes e também descrever o modo de organização discursiva das entrevistas, verificando quais modalidades nelas predominam.

As entrevistas midiáticas e o discurso de informação

As entrevistas midiáticas apresentam-se como *discurso de informação*, por meio do qual se estabelece um vínculo social para o reconhecimento identitário do sujeito. Assim, torna-se necessária uma aproximação desse discurso, a fim de melhor compreender suas características gerais.

Antes, porém, de centrarmos nossa atenção na *informação* trazida pelo discurso midiático, cabe lembrar a abordagem feita por Citelli (2001) de que até mesmo sob aquele

discurso que organiza a linguagem com vistas à pretensa objetividade e imparcialidade, tal como o discurso informativo, está subjacente a persuasão. Para isso, Citelli se reporta à revista americana Newsweek, que tinha como *slogan aquela que não persuade*, para afirmar que mesmo essa revista apresenta implicitamente a persuasão:

Afora querer convencer-nos acerca do conhecido mito da neutralidade jornalística, a revista parecia desejosa de exorcisar (se?) um demônio que vincula à persuasão alguns qualificativos como fraude, engodo, mentira. Deixar claro, nesse caso, uma atitude anti-persuasiva objetiva fixar uma imagem de respeitabilidade/credibilidade junto aos leitores. Supondo-se que a revista espelhasse a mais completa lisura, o mais profundo aferramento aos princípios de uma informação incontaminada pela presença de interesses vários, ainda assim, estaria ela isenta do ato persuasivo? A resposta é não. (CITELLI, 2001, p. 5-6)

De acordo com Citelli, o próprio *slogan* da revista, sob a forma de negação, constrói uma afirmação, com o objetivo de persuadir alguém em relação àquilo que está sendo enunciado: “Isso nos revela a existência de graus de persuasão: alguns mais ou menos visíveis, outros mais ou menos mascarados.” (CITELLI, 2001, p. 6)

Também Charaudeau (2006) trata dessa questão. Mas, para isso, o teórico julga relevante distinguir *informação* e *comunicação* como noções relacionadas a fenômenos sociais, enquanto *mídia* seria o suporte organizacional capaz de se apropriar de tais noções para integrá-las em sua lógica econômica, tecnológica e simbólica. Destacamos a importância desta última lógica, dada a dominância semiodiscursiva de nossa pesquisa. De fato, a lógica simbólica se volta à maneira como os indivíduos regulam as trocas sociais, na criação e manipulação dos signos e, conseqüentemente, na produção do sentido.

Assim, todo organismo de informação tem por vocação participar da construção da opinião pública. Dessa maneira, reconhecemos, tal como Charaudeau, que analisar o discurso de informação veiculado pela mídia que, em tese, se define contra o poder e a manipulação, exige que percebamos a mídia sem a ingenuidade que ela se impõe.

Segundo Charaudeau, a mídia não é uma *instância de poder*, uma vez que não pode ditar regras de conduta, normas, nem mesmo aplicar sanções, como o podem a Justiça, ou mesmo, a Igreja. Antes disso, a mídia é uma *instância de denúncia do poder*. E, nessa denúncia, embora o jornalista não manifeste seu desejo de manipular, o fato de fazer o destinatário interessar-se pela informação trazida, de modo que preste atenção, ou então, que avance na leitura, já sinaliza um grau de manipulação.

Basta verificar que a mídia apresenta aquilo que constrói do espaço público e isso já revela um processo de manipulação, uma automanipulação. Se considerarmos que informação é, em sua essência, linguagem e que a linguagem não é transparente ao mundo, podemos chegar ao mesmo conceito de Charaudeau: o de mídia como um *espelho deformante* da realidade social; o de mídia não como a própria democracia, mas como o *espetáculo da democracia*. (CHARAUDEAU, 2006, p. 20)

Assim, Charaudeau define a comunicação midiática como “fenômeno de produção de sentido social. Mas sem ingenuidade. [...] Nas mídias, os jogos de aparências se apresentam como informação objetiva, democracia, deliberação social, denúncia do mal e da mentira, explicação dos fatos e descoberta da verdade.” (2006, p. 29)

Daí a importância de analisar tal discurso, a fim de compreender e explicar como funciona essa máquina de fabricar sentido para colocá-lo em foco no debate social.

A informação midiática e o contrato de comunicação

Ao tratar do discurso da mídia, Charaudeau reporta-se à informação como ato de comunicação. Para ele, informar implica produzir discurso em uma situação de comunicação: “A informação é pura enunciação” (CHARAUDEAU, 2006, p. 42). E como o discurso combina as circunstâncias em que se fala ou escreve com a maneira como se fala ou escreve, informar é, como já dissemos, uma escolha não só de conteúdos e formas, mas também de estratégias discursivas:

Nenhuma informação pode pretender, por definição, à transparência, à neutralidade ou à factualidade. Sendo um ato de transação, depende do tipo de alvo que o informador escolhe e da coincidência ou não coincidência deste com o tipo de receptor que interpretará a informação dada. A interpretação se processará segundo os parâmetros que são próprios ao receptor, e que não foram necessariamente postulados pelo sujeito informador. (CHARAUDEAU, 2006, p. 42)

Por isso, não podemos pretender a análise *do sentido de um texto*, mas sim a análise dos *possíveis interpretativos*. Para chegar a essa noção, Charaudeau trata o sentido como resultante de uma cointencionalidade, a qual compreende os efeitos visados pelo produtor, os efeitos possíveis e os efeitos produzidos pelo receptor. A partir disso, ele aponta os três lugares de construção do sentido: o lugar das condições de produção, o lugar das condições de

recepção e o lugar das restrições de construção do produto.

Quanto ao lugar das condições de produção, podemos dizer que apresenta dois espaços influenciando-se reciprocamente: o espaço externo-externo, que enfoca as condições socioeconômicas da máquina midiática como empresa e o espaço externo-interno, que enfoca as condições semiológicas de produção. Neste, as práticas discursivas têm de ser orientadas para os *efeitos visados*, o que pode incitar os indivíduos a se interessarem pelas informações difundidas pela mídia; naquele as práticas discursivas dos atores da empresa têm de ser orientadas por efeitos econômicos.

Em relação ao lugar das condições de recepção, podemos asseverar que também apresenta dois espaços: o interno-externo, espaço dos efeitos esperados, em que o destinatário ideal (alvo) é imaginado pela instância midiática como suscetível de perceber os efeitos visados por ela; e o externo-externo, espaço em que está o receptor real (público); de fato, o consumidor da informação midiática.

E quanto ao lugar das restrições de construção do produto, entendemos que se trata do lugar em que todo discurso se configura em texto pela estruturação particular de formas pertencentes a diferentes sistemas semiológicos. É dessa combinação de formas que o sentido depende. A esse respeito, Charaudeau chama a atenção, como já dissemos, para a análise de texto que se constitui na análise dos *possíveis interpretativos*. Uma vez que,

por um lado, a instância de produção só pode imaginar o receptor de maneira ideal, construindo-o como o destinatário-alvo que acredita ser adequado a suas intenções e, ao visar produzir efeitos de sentido, não tem certeza se esses serão percebidos, e como, por outro lado, a instância de recepção constrói seus próprios efeitos de sentido que dependem de suas condições de interpretação, conclui-se que o texto produzido é portador de 'efeitos de sentido possíveis', que surgem dos efeitos visados pela instância de enunciação e dos efeitos produzidos pela instância de recepção. (CHARAUDEAU, 2006, p. 27-28)

Para bem compreendermos como isso se articula aos modos de organização do discurso, deter-nos-emos no modo de organização enunciativo que se aplica ao *corpus* desta pesquisa.

O modo de organização enunciativo

Dentre os modos de organização do discurso, o modo enunciativo revela a maneira como os protagonistas – e não os seres sociais, com existência real – agem na *mise en scène* do ato de comunicação. Enfatizaremos, aqui, tal modo de organização do discurso, já que ele marca a posição do locutor em relação ao interlocutor, em relação ao dito e também em relação a outros discursos.

De acordo com Charaudeau (2008, p. 82), são funções do modo enunciativo: “Estabelecer uma *relação de influência* entre locutor e interlocutor num comportamento ALOCUTIVO; revelar o *ponto de vista* do locutor, num comportamento ELOCUTIVO; *retomar* a fala de um terceiro, num comportamento DELOCUTIVO”.

No comportamento alocutivo, o locutor enuncia sua posição em relação ao interlocutor, a partir do momento em que age sobre ele (ponto de vista *acional*), implicando-lhe um comportamento. Assim, o interlocutor é solicitado, pelo ato de linguagem do locutor, a apresentar uma determinada reação: responder ou reagir (*relação de influência*).

No instante da enunciação, o sujeito falante também atribui a si e ao interlocutor *papéis linguageiros* de dois tipos: a) o papel de controle, de força, do locutor sobre o interlocutor, que ocorre quando o sujeito falante se autoconcede esse papel, impondo ao interlocutor um fazer/fazer ou um fazer/dizer. Neste caso, conforme Charaudeau (2008, p. 82), a “*imposição* do locutor sobre o interlocutor estabelece entre ambos uma *relação de força*”; b) o papel oposto, já que o sujeito falante pode-se colocar numa posição de inferioridade em relação ao interlocutor, a partir do momento em que mostra ter necessidade do “saber” e do “poder fazer” do interlocutor. Neste caso, é produzida “uma *solicitação* do locutor ao interlocutor, o que estabelece entre ambos uma *relação de petição*.” (CHARAUDEAU, 2008, p. 82).

No comportamento elocutivo, o locutor enuncia sua posição em relação ao mundo (propósito referencial) sem implicar, nessa tomada de posição, o interlocutor. Resulta, assim, uma enunciação cujo efeito é a modalização subjetiva da verdade do propósito enunciado, revelando o ponto de vista interno do locutor.

Conforme Charaudeau, tal ponto de vista pode ser especificado da seguinte forma:

- Ponto de vista do *modo de saber*, que especifica de que maneira o locutor *tem conhecimento* de um Propósito. Corresponde às modalidades de ‘Constatação’ e de ‘Saber/Ignorância’.
- Ponto de vista de *avaliação*, que especifica de que maneira o sujeito *julga* o Propósito enunciado. Corresponde às modalidades de ‘Opinião’ e de ‘Apreciação’.
- Ponto de vista de *motivação*, que especifica a *razão* pela qual o sujeito é levado a realizar o conteúdo do Propósito referencial. Corresponde às modalidades de ‘Obrigação’, ‘Possibilidade’ e ‘Querer’.
- Ponto de vista de *engajamento*, que especifica o grau de *adesão* ao Propósito. Corresponde às modalidades de ‘Promessa’, ‘Aceitação/Recusa’, ‘Acordo/Desacordo’, ‘Declaração’.
- Ponto de vista de *decisão*, que especifica tanto o *estatuto* do locutor quanto o *tipo de decisão* que o ato de enunciação realiza. Corresponde à modalidade de ‘Proclamação’. (CHARAUDEAU, 2008, p. 83)

No comportamento delocutivo, o locutor se apaga do ato de enunciação e também não implica o interlocutor. Ele mostra a maneira pela qual os discursos do mundo (o outro, o terceiro) a ele se impõem. Daí resulta uma enunciação com aparência de objetividade (no sentido de desligada da subjetividade do locutor) que deixa aparecer no palco do ato de comunicação ditos e textos não pertencentes ao locutor.

Conforme Charaudeau, há, neste caso, duas possibilidades:

- *O Propósito se impõe por si só*. O locutor diz ‘como o mundo existe’ relacionando-o a seu modo e grau de *asserção*. É o caso das modalidades de ‘Evidência’, ‘Probabilidade’, etc.
- *O Propósito é um texto* já produzido por outro locutor, e o sujeito falante atua apenas como um *relator* (que, como sabemos, pode ser mais ou menos objetivo). Ele relata ‘o que o outro diz e como o outro diz’. É o caso das diferentes formas do ‘Discurso relatado’. (CHARAUDEAU, 2008, p. 83)

Como podemos observar, a enunciação constitui um fenômeno complexo que evidencia a maneira como o sujeito falante se *apropria* da linguagem e, assim, é levado a situar-se em relação ao seu interlocutor, ao que ele mesmo diz e ao mundo que o cerca.

Portanto, não se pode confundir o modo de organização enunciativo com a modalização, que constitui apenas uma parte deste fenômeno complexo: a enunciação. A modalização torna explícitas, por meio de categorias de língua, as posições do sujeito falante nas três relações que ele estabelece: com o interlocutor, com o dito e com o mundo que o cerca.

Os sujeitos no contrato *entrevista*

A base da Semiolinguística está na ação comunicativa que envolve uma situação de comunicação, o quadro físico e mental no qual se encontram os parceiros da troca linguageira. Tais parceiros são determinados por uma identidade (psicológica ou social) e ligados por um contrato.

Um tipo de contrato bem interessante é o estabelecido pelas entrevistas da revista *Isto é*. A fim de exemplificar a teoria que fundamenta nosso trabalho, escolhemos duas entrevistas com cientistas: uma, da área médica, publicada em fevereiro de 2007, que tem como entrevistado o neurocientista Miguel Nicolelis; e outra, da área sociológica, em setembro de 2007, que tem como entrevistado o cineasta Sílvio Tandler. A partir delas, procuraremos mostrar as relações entre os sujeitos no contrato *entrevista*.

De modo geral, podem ser assim identificados os sujeitos comunicantes:

EUc 1: o(a) jornalista como produtor(a) do ato de comunicação.

EUc 2: o entrevistado como produtor do ato de comunicação.

Centrando a atenção em EUc1, podemos dizer que o(a) jornalista é responsável por um dos polos de produção da entrevista, do qual podemos abstrair dois subcontratos de comunicação distintos.

Um deles tem como objetivo apresentar o pesquisador (cientista) e possui, como destinatário, o leitor. Nesse primeiro subcontrato, o sujeito comunicante (EUc) – o(a) jornalista – constrói uma imagem (EUe), de acordo com sua intencionalidade, de alguém que tem conhecimento na área e é capaz de retratar dados notáveis da vida do entrevistado. Assim, é idealizado um leitor (TUd) que se interesse pelo tema e, dessa forma, precisa de informações que lhe possibilitem compreender o contexto da entrevista.

Quanto à organização estrutural desse texto de apresentação do entrevistado, podemos observar que se inicia pelo problema gerador da entrevista (a escassez de recursos para a pesquisa no Brasil e a consequente perda de pesquisadores para outros países), como ocorre na entrevista com Nicolelis:

Driblar a escassez de recursos para pesquisas sempre foi, para os cientistas brasileiros, uma tarefa tão desafiadora quanto a de apresentar descobertas.

Não por acaso, o País perdeu nas últimas décadas vários cérebros importantes para nações que abriram suas portas – e seus cofres. O paulistano Miguel Nicolelis é um deles. Ele trocou a Universidade de São Paulo pela de Duke, nos EUA, onde encontrou condições que lhe permitiram desvendar os mistérios do cérebro humano. Uma das maiores autoridades mundiais da neurociência, Nicolelis fez descobertas que servem de base para a medicina do futuro [...] (CÔRTEZ, 2007).⁷²

Ou pela descrição do entrevistado para se chegar ao problema que ele pretende discutir (desorganização social e política do Brasil), como é o caso do texto da entrevista com Tendler:

Sílvio Tendler é um cineasta com curiosa mistura de outsider e campeão de bilheterias. No único intervalo em sua filmografia política, Tendler fez *O mundo mágico dos Trapalhões* e levou 1,8 milhão de espectadores aos cinemas. É o recorde para um documentário no Brasil. Os segundo e terceiro lugares também são dele, *Jango e Os anos JK*, respectivamente. Hoje, as bilheterias andam minguadas, mas ele resiste. ‘Não se pode ter a monotonia do entretenimento, como se no cinema não houvesse espaço para a reflexão’, defende. Formado em história, ele discorre nessa entrevista sobre a desorganização social e política do País, a esperança numa renovação vinda das periferias e em novas formas de manifestação dos estudantes, que também lhe serviram de tema para um documentário sobre a UNE [...] (ALVES FILHO, 2007).⁷³

Entretanto, não há apenas esse subcontrato em que o(a) jornalista se constitui em sujeito comunicante (EUc). O segundo subcontrato em que isso ocorre diz respeito ao conjunto de perguntas-respostas que organiza todo o texto da entrevista.

No momento em que o(a) jornalista assume o comando da enunciação por meio das perguntas, está desempenhando o papel de sujeito comunicante (EUc). Assim, idealiza um sujeito enunciador (EUe), no caso, um narrador condizente com seu projeto de fala, e dois sujeitos destinatários: TUD 1, o interlocutor adequado para dar as respostas; e TUD 2, o interlocutor ideal para a entrevista, aquele que se interessa por aspectos ligados à temática em discussão.

A partir das respostas, podemos observar que o sujeito real, TUI 1 (aquele que

⁷² O texto integral da entrevista “Os segredos do cérebro” encontra-se disponível em: <[⁷³ O texto integral da entrevista “O mundo do lado de cá” encontra-se disponível em: <\[---

Intersecções – Edição 15 – Ano 8 – Número 1 – maio/2015 – p.226\]\(http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/2320_O+MUNDO+DO+LADO+DE+CA+>”. Acesso em 10 fev. 2015.</p>
</div>
<div data-bbox=\)](http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/1236_OS+SEGREDOS+DO+CEREBRO+>”. Acesso em 10 fev. 2015.</p>
</div>
<div data-bbox=)

responde, de fato, às perguntas) identifica-se plenamente com a imagem do TUD 1, idealizado pelo EUC. Desse modo, o contrato pergunta-resposta é aceito.

Por outro lado, não podemos garantir a identificação completa entre TUI 2 e o estatuto do TUD 2 (fabricado por EUC). As reações do TUI 2, mediante o contrato *entrevista*, podem ser variadas: aprovação, crítica, ou mesmo, desprezo pelo material. Ou seja, os TUI 2 – os leitores em potencial – podem construir interpretações distintas, em função de suas experiências pessoais, seu conhecimento ou interesse pelo assunto.

No momento em que está respondendo, o pesquisador, no comando da enunciação, como sujeito comunicante (EUC), vai idealizar um sujeito enunciador adequado ao seu projeto de fala (EUE) e também dois sujeitos destinatários: TUD 1, o interlocutor adequado para ouvir a resposta; e TUD 2, o leitor ideal.

A partir das perguntas elaboradas pelo(a) jornalista, após ouvir a resposta do entrevistado, percebemos que o sujeito real, o TUI 1 (aquele que ouve, de fato, as respostas) identifica-se plenamente com a imagem do TUD 1, idealizado pelo sujeito comunicante como interlocutor adequado para ouvir as respostas. Assim, a interação acontece e o contrato instaura-se plenamente. Entretanto, aqui também não podemos garantir a identificação completa entre o leitor real e o leitor imaginado.

Tipos textuais e comportamentos enunciativos no gênero *entrevista*

Entendendo a entrevista como gênero secundário, no sentido de que advém de uma situação de comunicação mais complexa, também consideramos relevante identificar, tal como Bakhtin (2000), os três elementos responsáveis pela constituição de tal gênero: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional.

Em se tratando do conteúdo temático, podemos dizer que foi exatamente esse elemento do gênero que permitiu a identificação das entrevistas selecionadas como *corpus* deste trabalho. Assim, de acordo com o tema, identificamos duas grandes áreas: entrevista da área médica, já que se trata de tema associado à saúde, e entrevista da área sociológica, uma vez que o tema se liga à globalização.

Já o estilo das entrevistas é caracterizado em função das perguntas do entrevistador e das respostas dadas pelo entrevistado, ou seja, trata-se de entrevistas informativas, em que ambos têm o objetivo de *fazer-saber*, estilo muito comum em entrevistas de divulgação

científica.

Quanto à construção composicional, podemos dizer que as entrevistas têm em comum uma organização característica, marcada por dois subcontratos: um, composto pelo texto de apresentação do entrevistado; e o outro, pelo par *pergunta-resposta*, aos quais já nos referimos anteriormente. Embora as entrevistas tenham, em certo sentido, uma estrutura comum a todos os tipos de eventos em que se realiza, tal gênero apresenta conteúdo temático e estilo variados.

Considerando também a concepção de Marcuschi (2008) em relação à *heterogeneidade tipológica dos gêneros*, podemos verificar que, nas entrevistas em questão, realizam-se dois ou mais tipos textuais. Para o linguista, os gêneros podem apresentar sequências típicas de categorias variadas. Dessa forma, na medida em que nomeamos certo texto como narrativo, expositivo ou argumentativo, estaremos nos referindo ao predomínio de uma espécie de sequência de base.

Enquanto as sequências narrativas compreendem a enunciados de indicação de ações e acontecimentos (com verbos de mudança no passado), acompanhados de indicação de circunstância de tempo e lugar; as descritivas realizam-se por sequências de enunciados de estrutura simples, com verbos estáticos, de existência ou de localização no espaço, normalmente no presente, acompanhados de caracterização ou de indicação circunstancial. As expositivas, por sua vez, apresentam sequências com enunciados de identificação de fenômenos e também enunciados de explicação analítica (de ligação de fenômenos) e as argumentativas se dão pela presença de sequências de comentário e avaliação. Por fim, as injuntivas apresentam o predomínio de sequências com enunciados incitadores à ação. (Cf. MARCUSCHI, 2002, p. 25-29).

São variadas as sequências tipológicas presentes nas entrevistas em análise: além de sequências injuntivas, dadas pelas perguntas dos entrevistadores, há também sequências narrativas, descritivas, expositivas e argumentativas nas respostas dos entrevistados.

Quanto às perguntas feitas pelos entrevistadores, podemos caracterizá-las como injuntivas, uma vez que se constituem em enunciados incitadores à ação. É a partir delas que os entrevistados (Nicoletis e Tandler) exercem seu papel na entrevista.

Trata-se de perguntas, muitas vezes, feitas em uma relação direta com a resposta do entrevistado. Há situações em que o encadeamento entre a resposta do entrevistado e a pergunta seguinte da entrevistadora causa a impressão de uma conversa. É o que ocorre, por exemplo, quando Nicoletis está explicando sobre as experiências feitas com animais, e a

entrevistadora pergunta se funcionaria da mesma maneira nos humanos. Daí em diante, há uma série de perguntas e respostas relacionadas a este tópico: aplicação das pesquisas nos humanos:

ISTOÉ – Funcionaria da mesma forma nos humanos?

Nicolelis – Sim. Num primeiro momento, esse trabalho abre perspectivas para os portadores de deficiência física. Mas alguns centros de pesquisa tentam criar ferramentas para potencializar as habilidades humanas a partir da fusão de nossa capacidade biológica com a dos computadores.

ISTOÉ – O que pode surgir daí?

Nicolelis – Qualquer previsão é simples futurologia. O grau de complexidade dos humanos não é o mesmo de um macaco que hoje nos ajuda nos testes preliminares. Hoje só temos uma possibilidade de aprimorar as habilidades humanas: a prótese auditiva. Cerca de 100 mil pessoas fazem uso desse chip que “recupera” boa parte da capacidade do nervo auditivo.

ISTOÉ – Então seremos meio máquinas?

Nicolelis – As chances são grandes, mas a ideia de ciborgues é totalmente exagerada. Nossas pesquisas indicam que o cérebro evoluiu em formas de comunicação que extrapolam os limites do nosso corpo, mesmo com uma capacidade de aprendizado contínuo. Se o organismo humano recebe uma informação, acaba se adaptando com os recursos de que dispõe para dar uma resposta a esse estímulo. Estamos testando em laboratório o que aconteceria caso conectássemos o cérebro a um sensor de campo magnético ou de infra-vermelho. A tese é a de que ele irá se adaptar para interagir. Se isso acontecer, será uma prova de que teremos condições de responder a estímulos que não se limitam ao toque ou ao raio de visão, como as já citadas ondas eletromagnéticas.

ISTOÉ – Pode dar um exemplo?

Nicolelis – Poderíamos experimentar a sensação de caminhar em Marte sentados no sofá de casa. Controlaríamos naquele planeta robôs cujos sensores mandariam sinais elétricos referentes à temperatura e pressão, por exemplo, diretamente para os chips implantados em nosso cérebro. Esses chips recriariam o ambiente marciano, transmitindo para o ser humano a impressão de estar lá. (CÔRTEZ, 2007).

Percebemos, pois, por esse fragmento da entrevista da área médica como as perguntas funcionam, de fato, como *pedido para dizer*, o que as identifica como sequências injuntivas. Em todas as respostas, percebemos que Nicolelis atende às solicitações da entrevistadora, assumindo, assim, seu papel na entrevista.

No caso das sequências narrativas e descritivas das entrevistas da área médica,

observamos que elas ocorrem em conjunção com uma sequência argumentativa ou com uma expositiva. Um exemplo⁷⁴ de sequência narrativa conjugada com argumentativa está na primeira resposta de Nicolelis, quando o neurocientista busca, com a narração, apresentar as ações realizadas em sua pesquisa, situando-as no tempo (há dez anos) e no espaço (laboratório da pesquisa realizada), e, com as sequências argumentativas, pretende apresentar enunciados de avaliação (estágio avançado) acerca do propósito referencial (pesquisas sobre o funcionamento do cérebro).

(1) TEXTO DA ENTREVISTA	SEQUÊNCIA TIPOLOGICA
ISTOÉ – O que ainda existe de mistério no funcionamento do cérebro?	Injuntiva
<p>Miguel Nicolelis – Estamos em um estágio avançado. Há dez anos, deciframos o tipo de mensagem elétrica enviada pelo cérebro para movimentar um dos braços de um macaco. Depois disso, conseguimos induzir os animais a acionar um braço mecânico como se fosse um de seus membros de verdade. Recentemente, demos mais um passo trilhando o caminho inverso. Enviamos para a mesma região do cérebro uma mensagem elétrica que se espalhou e foi entendida a ponto de determinar movimentos, fazendo o braço de um dos macacos mexer ora para a esquerda, ora para a direita. Posteriormente, conseguimos definir tarefas mais complicadas como “mexa para a esquerda, abaixe e traga essa banana”.</p> <p>Foi um grande avanço. (CÔRTEZ, 2007).</p>	Argumentativa Narrativa Argumentativa

Um exemplo de sequência descritiva conjugada com expositiva está na segunda resposta de Nicolelis para explicar como o cérebro dos animais recebe as mensagens elétricas que os fazem executar as tarefas. No trecho da entrevista, podemos notar a sequência utilizada para descrição do *chip*, juntamente com a sequência usada como enunciado de identificação de fenômeno (acionamento da musculatura do braço):

(2) TEXTO DA ENTREVISTA	SEQUÊNCIA TIPOLOGICA
ISTOÉ – Como o cérebro dos animais recebe esses sinais?	Injuntiva
<p>Nicolelis – Por meio de um chip implantado no córtex motor, a área responsável pelos movimentos do corpo.</p> <p>Esse dispositivo espalha a mensagem pelo cérebro, que a decodifica e transforma em um comando motor que aciona a musculatura do braço. (CÔRTEZ, 2007).</p>	Descritiva Expositiva

⁷⁴ A partir deste exemplo, segmentamos algumas perguntas e respostas do texto da entrevista e identificamos à direita as sequências tipológicas observadas, para exemplificar os dados de análise.

Ainda sobre a entrevista da área médica, observamos uma recorrência de sequências expositivas e argumentativas nas respostas dos entrevistados. Todavia, o número de ocorrências de sequências expositivas (dezoito) é superior ao de sequências argumentativas (onze). Além disso, em quase toda a entrevista, as argumentativas só aparecem combinadas com outras sequências de base (narrativas, descritivas, ou expositivas).

É o que ocorre quando Nicolelis explica o que pode surgir a partir das pesquisas que buscam potencializar as habilidades humanas pela fusão das capacidades biológicas com a dos computadores. Em sua resposta, há uma sequência argumentativa, marcada por um enunciado de cunho avaliativo, e uma sequência expositiva, combinando enunciado de identificação de fenômeno (grau de complexidade dos humanos) com enunciados de ligação de fenômenos (possibilidade de aprimoramento das habilidades humanas, quantidade de pessoas que se utilizam de prótese auditiva):

(3) TEXTO DA ENTREVISTA	SEQUÊNCIA TIPOLOGICA
ISTOÉ – O que pode surgir daí?	Injuntiva
<p>Nicolelis – Qualquer previsão é simples futurologia.</p> <p>O grau de complexidade dos humanos não é o mesmo de um macaco que hoje nos ajuda nos testes preliminares. Hoje só temos uma possibilidade de aprimorar as habilidades humanas: a prótese auditiva. Cerca de 100 mil pessoas fazem uso desse chip que “recupera” boa parte da capacidade do nervo auditivo.</p> <p>(CORTÊS, 2007).</p>	Argumentativa Expositiva

Por outro lado, na entrevista da área sociológica, observamos uma recorrência de sequências argumentativas nas respostas do entrevistado: treze são argumentativas; duas, expositivas. Isso mostra que, diferentemente do que ocorre na entrevista da área médica, o entrevistado explicita muito mais a opinião que tem em relação ao que está sendo questionado do que expõe uma informação. Mesmo nas perguntas eminentemente informativas, o entrevistado não se furta a emitir opinião, como ocorre no fragmento abaixo, extraído da entrevista com Sílvio Tendler:

(4) TEXTO DA ENTREVISTA	SEQUÊNCIA TIPOLOGICA
ISTOÉ - O que é globalitarismo, conceito criado por Milton Santos?	Injuntiva
<p>Sílvio Tendler - Ele formulou essa ideia em 2001, no livro <i>Por uma outra globalização</i>, pouco antes de morrer. É o fundamentalismo que faz do consumo a grande característica da nossa sociedade. A economia se ancora nisso.</p> <p>O mundo está produzindo muito mais do que a sociedade tem capacidade de consumir. Esse processo está levando à destruição do planeta e à desigualdade social. Isso é o globalitarismo: a imposição de padrões consumistas, inclusive a quem não tem condições de consumir. Milton Santos comparou esse fenômeno ao nazismo e ao fascismo. (ALVES FILHO, 2007).</p>	<p>Expositiva</p> <p>Argumentativa</p>

Mesmo que, em algumas respostas de Tendler, as sequências argumentativas apareçam combinadas com as expositivas, como atesta o exemplo anterior, são muito mais recorrentes as respostas eminentemente argumentativas:

(5) TEXTO DA ENTREVISTA	SEQUÊNCIA TIPOLOGICA
ISTOÉ - O meio ambiente é um tema que o sr. pensa em levar para as telas?	Injuntiva
<p>Tendler - Sou contra esse terrorismo internacionalista do tal desenvolvimento sustentável.</p> <p>O Al Gore vem com esse filme falando de meio ambiente (Uma verdade inconveniente), mas o cara já foi vice-presidente dos Estados Unidos. Já poderia ter feito pelo menos um terço daquilo que ele prega no filme. Ele só passa a ter preocupação ecológica quando vira cineasta? Como vice-presidente não? Quero discutir o que é esse tal desenvolvimento sustentável, quero saber o que vai ser essa terra daqui a 40 anos dentro de um ponto de vista menos catastrófico, menos terrorista.</p> <p>(ALVES FILHO, 2007).</p>	Argumentativa

Como podemos ver, nas duas entrevistas, predomina argumentação e/ou exposição, o que é muito comum para esse gênero, sobretudo se considerarmos que se trata de entrevista de

divulgação científica, em que o objetivo é justamente este: expor resultados de pesquisas, a fim de atingir o interlocutor leigo, pela argumentação.

Em relação aos comportamentos enunciativos, podemos observar que os atos de linguagem que compõem as entrevistas selecionadas como *corpus* deste trabalho apresentam uma proposição referencial encaixada num ponto de vista enunciativo do sujeito falante, o que vai integrar a situação comunicativa de tais entrevistas.

Tal ponto de vista pode ser enunciado em relação ao interlocutor, em relação ao que o próprio locutor diz e também em relação a outros discursos, o que vai configurar o comportamento alocutivo, elocutivo e delocutivo, respectivamente.

Em se tratando das perguntas com que os entrevistadores pretendem agir sobre os entrevistados, a fim de que possam apresentar respostas aos seus questionamentos, podemos dizer que, por meio delas, os entrevistadores atribuem a si um *papel linguageiro* daquele que se coloca em *posição de inferioridade* em relação ao interlocutor. A relação entre entrevistadores e entrevistados é de *petição*: neste caso, pedido para dizer. A categoria modal que revela esse comportamento enunciativo é a *interrogação*, a partir da qual entrevistadores conferem a si o direito de perguntar e aos entrevistados a competência para responder.

Na entrevista da área médica, são dezoito enunciados apresentados sob a categoria da interrogação; na da área sociológica, são treze, o que confirma o comportamento alocutivo da parte dos entrevistadores e também nos remete à análise das sequências injuntivas. Tais sequências correspondem à categoria modal de *interrogação*, uma vez que também são compreendidas como manifestação da relação de influência entre locutor e interlocutor, pois, na medida em que o interlocutor é solicitado pelo locutor, ele irá apresentar uma determinada reação: a de responder a contento às perguntas feitas.

Por outro lado, quanto às respostas dos entrevistados, percebemos que apenas as categorias modais de um comportamento alocutivo não dão conta da caracterização do ponto de vista dos entrevistados, visto que, muitas vezes, enunciam sua posição em relação ao que eles mesmos dizem, ou então, em relação a outro discurso.

Na entrevista da área médica, da parte do entrevistado, são nove enunciados sob a categoria de *opinião*; quinze, de *saber*; três de *declaração*, confirmando o comportamento predominantemente elocutivo do entrevistado. Nesta entrevista, da mesma forma que notamos predomínio de sequências expositivas nas respostas de Nicolelis, também observamos maior ocorrência da categoria de *saber* (quinze, como já dissemos), sendo que os enunciados de

opinião (nove) aparecem conjugados com os de *saber*. É o que podemos observar no exemplo abaixo, em que segmentamos as perguntas e as respostas do texto da entrevista e identificamos as sequências tipológicas e as categorias modais, para melhor percebermos a relação entre elas:

(6) TEXTO DA ENTREVISTA	SEQUÊNCIA TIPOLOGICA	COMPORTAMENTO ENUNCIATIVO
ISTOÉ – O que ainda existe de mistério no funcionamento do cérebro?	Injuntiva	Interrogação
Miguel Nicolelis – Estamos em um estágio avançado. Há dez anos, deciframos o tipo de mensagem elétrica enviada pelo cérebro para movimentar um dos braços de um macaco. Depois disso, conseguimos induzir os animais a acionar um braço mecânico como se fosse um de seus membros de verdade. Recentemente, demos mais um passo trilhando o caminho inverso. Enviamos para a mesma região do cérebro uma mensagem elétrica que se espalhou e foi entendida a ponto de determinar movimentos, fazendo o braço de um dos macacos mexer ora para a esquerda, ora para a direita. Posteriormente, conseguimos definir tarefas mais complicadas como “mexa para a esquerda, abaixo e traga essa banana”. Foi um grande avanço. (CÔRTEZ, 2007).	Argumentativa Narrativa	Opinião Saber
	Argumentativa	Opinião

Há também dois enunciados sob a categoria de *declaração*. Em um deles, podemos perceber um desdobramento para uma variante da categoria de *declaração*: a *revelação*. Assim, o entrevistado denuncia uma situação que revela a falta de incentivo às pesquisas no Brasil. É o que podemos notar no exemplo abaixo:

(7) TEXTO DA ENTREVISTA	SEQUÊNCIA TIPOLOGICA	COMPORTAMENTO ENUNCIATIVO
ISTOÉ – O sr. teria conseguido levar adiante um projeto desse tipo sem ter saído do Brasil?	Injuntiva	Interrogação
<p>Nicolelis – Eu saí do País porque não conseguia espaço e verbas.</p> <p>As estruturas de fomento federal são arcaicas e não têm compromisso com a sociedade. Os agentes acham que são estrelas e se esquecem que só existem em função do cientista, que por sua vez representa a sociedade.</p> <p>No final das contas, é o contribuinte quem financia as pesquisas. Nos EUA, o governo aplica US\$ 200 bilhões em ciência por ano. A iniciativa privada entra com outros US\$ 200 bilhões. O setor de tecnologia da informação destina mais US\$ 250 bilhões. Some tudo isso e terá o PIB brasileiro.</p> <p>Quem abre mão da ciência perde o bonde do desenvolvimento. (CÔRTEZ, 2007).</p>	<p>Expositiva</p> <p>Argumentativa</p> <p>Expositiva</p> <p>Argumentativa</p>	<p>Declaração</p> <p>Opinião</p> <p>Saber</p> <p>Opinião</p>

Manifestando um comportamento alocutivo da parte do entrevistado, há ainda dois enunciados sob a categoria de *sugestão*, em que notamos que o entrevistado faz recomendações que podem melhorar uma dada situação:

(8) TEXTO DA ENTREVISTA	SEQUÊNCIA TIPOLOGICA	COMPORTAMENTO ENUNCIATIVO
ISTOÉ – Como melhorar as nossas capacidades cerebrais?	Injuntiva	Interrogação
<p>Nicolelis – A atividade intelectual é importante.</p> <p>Vale tudo: ir à ópera ou ao forró. O que importa é manter a cabeça ativa em busca de desafios e prazer. E isso depende bastante da história de vida de cada um. A trajetória individual das pessoas tem peso primordial na configuração do cérebro. (CÔRTEZ, 2007).</p>	<p>Argumentativa</p> <p>Expositiva</p>	Sugestão

E também o comportamento delocutivo é revelado pela ocorrência de um enunciado

sob a categoria de *discurso relatado*, utilizado com vistas a refutar um ideia difundida acerca do projeto de autoria do entrevistado:

(9) TEXTO DA ENTREVISTA	SEQUÊNCIA TIPOLÓGICA	COMPORTAMENTO ENUNCIATIVO
ISTOÉ – De onde vem a verba?	Injuntiva	Interrogação
<p>Nicolelis – O orçamento da construção dos prédios era de US\$ 20 milhões. Essa quantia não levava em conta o custo operacional. Ao todo o projeto deverá consumir US\$ 35 milhões. Cerca de 80% dos recursos vieram do governo americano, representado por diferentes instituições, e também de fundações privadas, como a do ator Christopher Reeve. Há também doadores particulares. Uma pequena parte veio do governo brasileiro.</p> <p>Não estou tomando dinheiro de pesquisas ditas importantes do Sul do País, como disseram vários dos nomes mais relevantes da ciência nacional. (CÔRTEZ, 2007).</p>	Expositiva	Saber Discurso relatado

Na entrevista da área sociológica, observamos como ressaltam as ocorrências da categoria de *opinião* (onze), o que nos faz buscar uma aproximação com a análise já feita das sequências tipológicas, em que também houve predomínio de sequências argumentativas. Há apenas duas ocorrências da categoria de *saber*. Além disso, há dois enunciados sob a categoria de *declaração* e três, de *discordância*, o que atesta um comportamento predominantemente elocutivo da parte do entrevistado. O exemplo a seguir comprova a predominância da categoria de *opinião* na entrevista com Tendler:

(10) TEXTO DA ENTREVISTA	SEQUÊNCIA TIPOLÓGICA	COMPORTAMENTO ENUNCIATIVO
ISTOÉ - Quais as conseqüências dessa concentração de poder midiático?	Injuntiva	Interrogação
<p>Tendler - Acabou a idade da inocência.</p> <p>Milton Santos dizia que quatro ou cinco grupos dominam a mídia no mundo. Não estava falando apenas do jornalismo,</p>	Argumentativa	Opinião Discurso relatado Opinião

<p>mas também do entretenimento. Como a indústria dos games, por exemplo. As pessoas dizem que eu sou didático.</p> <p>Na minha interpretação, didático é o cinema americano, que ensina a matar. A gente fica assistindo a essa violência no cotidiano com uma passividade... A gente não quer falar a verdade: o rei está nu, essa é a indústria de massas. As crianças desde pequenas se habitua com o conceito de serial killers a partir dos games. Elas vêem filmes desse tipo. Com as novas tecnologias é possível misturar personagens reais e animação. Toda essa violência que a sociedade está vivendo é formada pela cultura de massas e ninguém discute. Isso serve de controle social, prega o egoísmo, a individualidade, as pessoas deixam de ter solidariedade.</p>		
<p>ISTOÉ - A classificação indicativa poderia ajudar?</p>	<p>Injuntiva</p>	<p>Interrogação</p>
<p>Tendler - O grande problema da classificação indicativa seria o despreparo das pessoas que fazem essa indicação. Vou te dar um exemplo surrealista: meu filme foi indicado para 12 anos por ter "palavras de baixo calão" e "cenas de violência". Quem vê, constata que os palavrões não são gratuitos e a violência é de fundo social. Em plena ditadura fiz JK e Jango, que foram censura livre. Os dois filmes têm cenas de violência também, tem gente sendo assassinada nas manifestações de rua de 68. (ALVES FILHO, 2007).</p>	<p>Argumentativa</p>	<p>Opinião</p>

Além disso, também há um enunciado sob a categoria de *sugestão*, o que manifesta o comportamento alocutivo do entrevistado e seis enunciados sob a categoria de *discurso relatado*, comprovando seu comportamento delocutivo, tal como observamos no exemplo anterior. Essas ocorrências de discurso relatado nos fazem reconhecer um discurso polifônico, na medida em que o sujeito comunicante precisa buscar argumentos em terceiros, ora para confirmá-los, ora para refutá-los.

Considerações finais

Compreender e explicar o funcionamento de entrevistas da mídia impressa, procurando determinar as estratégias utilizadas pelo locutor para influenciar seu interlocutor, constituiu o objetivo precípua deste trabalho.

Em um primeiro momento, a aplicação do contrato de comunicação de Charaudeau ao discurso jornalístico nos fez verificar que, na *mise en scène* das entrevistas analisadas, há, pelo menos, dois sujeitos comunicantes: Euc 1 – o(a) jornalista como produtor(a) do ato de comunicação e Euc 2 – o entrevistado como produtor do ato de comunicação.

Em seguida, a caracterização do gênero “entrevista” quanto ao conteúdo temático permitiu-nos determinar o tema das duas entrevistas analisadas: uma da área médica e outra da área sociológica. Já o estilo informativo das entrevistas analisadas associa-se ao fato de serem entrevistas de divulgação científica, cujo objetivo precípua é informar e, então, os sujeitos comunicantes exercem seus papéis para atender a esse fim. A construção composicional garante uma organização que é característica de entrevistas impressas: um texto de apresentação do entrevistado e, depois, uma sequência de perguntas e respostas evidenciando o “jogo” comunicativo entre entrevistador(a) e entrevistado.

Nessa dinâmica, pudemos verificar a *heterogeneidade tipológica* das entrevistas, que apresentam sequências injuntivas nas perguntas dos entrevistadores e também sequências argumentativas, expositivas, narrativas e descritivas nas respostas dos entrevistados. No entanto, observamos o predomínio de sequências argumentativas e expositivas, o que marca a divulgação científica, no que diz respeito ao seu objetivo central: expor resultados de pesquisas para atingir o interlocutor leigo, por meio da argumentação.

Esse gênero, no entanto, apresenta um modo de organização do discurso, em que a proposição referencial se encaixa num ponto de vista enunciativo do sujeito falante. Assim,

percebemos como as categorias modais revelam o ponto de vista do(a) entrevistador(a), que apresenta, predominantemente, um comportamento alocutivo na encenação do ato comunicativo. No que diz respeito ao entrevistado, pudemos observar a predominância de um comportamento elocutivo e também um deslizamento para o comportamento delocutivo, visto que, muitas vezes, ele enuncia sua posição em relação a um outro discurso.

Dessa maneira, pudemos observar as estratégias utilizadas pelo locutor para captação do interlocutor no *jogo discursivo* de uma entrevista, compreendendo também que, embora estejamos diante de um gênero cuja especificidade (divulgação científica) aponte para a *visada* do fazer-saber, nas duas entrevistas analisadas, isso se conjuga ao ponto de vista de entrevistados que não se limitam a informar, mas que desejam manifestar sua opinião acerca do que enunciam.

Referências

- ALVES FILHO, F. **O mundo do lado de cá**: entrevista com Sílvio Tandler. 2007. Disponível em:
<http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/2320_O+MUNDO+DO+LADO+DE+C+A+>. Acesso em 10 fev. 2015.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2008.
- CITELLI, A. **Linguagem e Persuasão**. São Paulo: Ática, 2001.
- CÔRTEZ, C. **Os segredos do cérebro**: entrevista com Miguel Nicolelis. 2007. Disponível em:
<http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/1236_OS+SEGREDOS+DO+CEREBRO+>. Acesso em 10 fev. 2015.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.
- _____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.